

Subida da mortalidade infantil está dentro da normalidade, diz DGS



Em 2018, morreram mais 60 crianças com até um ano de idade, mas a taxa de mortalidade foi semelhante à de 2016, frisa a directora-geral da Saúde. Bastonário dos médicos diz que este aumento é preocupante.

A directora-geral da Saúde, Graça Freitas, sublinha que o aumento observado na taxa de mortalidade infantil no ano passado, face a 2017 — mais 60 óbitos no primeiro ano de vida —, está dentro das “oscilações normais” que têm ocorrido nos últimos anos. Lembra que esta taxa continua abaixo da média da União Europeia. E adianta que uma parte significativa das mortes ocorreram até aos 28 dias de vida.

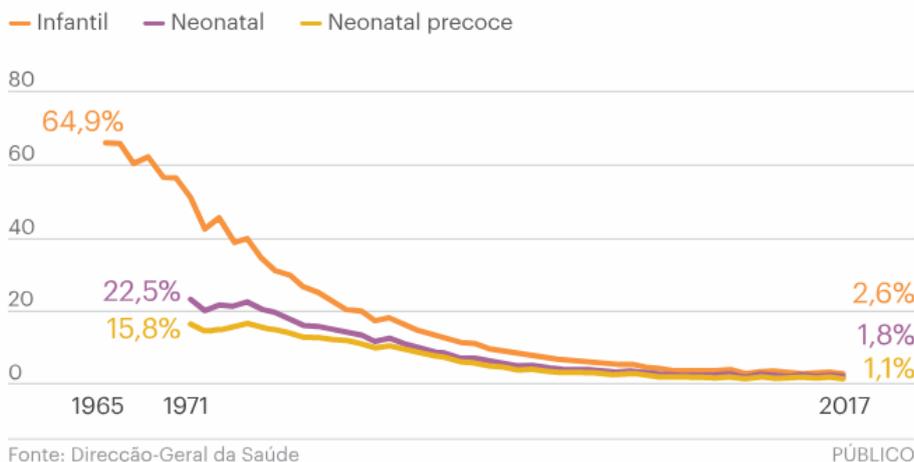
Em 2018, o número de mortes de crianças até um ano de idade por cada mil nascimentos (mortalidade infantil) subiu para 3,28 quando, no ano anterior, tinha sido de 2,69, o valor mais baixo do último quinquénio.

Ainda provisórios, os dados que esta quarta-feira foram divulgados indicam que houve um total de 289 óbitos no ano passado quando em 2017 tinham sido 229. Mais 60. Ou seja, um aumento de 26%, em números brutos que não levam em conta o aumento da natalidade em 2018.

No ano passado, mais de metade das mortes até um ano de idade (194) ocorreram até aos 28 dias de vida das

crianças (a chamada mortalidade neonatal), enfatizou a directora-geral da Saúde, Graça Freitas, que esclareceu e contextualizou os números noticiados pelo Correio da Manhã. Números que o bastonário da Ordem dos Médicos (OM), Miguel Guimarães, classificou como “preocupantes”, pedindo à DGS que “finalize rapidamente o seu relatório” para ser possível “obter as conclusões finais das causas de morte”.

Evolução das taxas de mortalidade infantil, neonatal e neonatal precoce em Portugal desde 1965



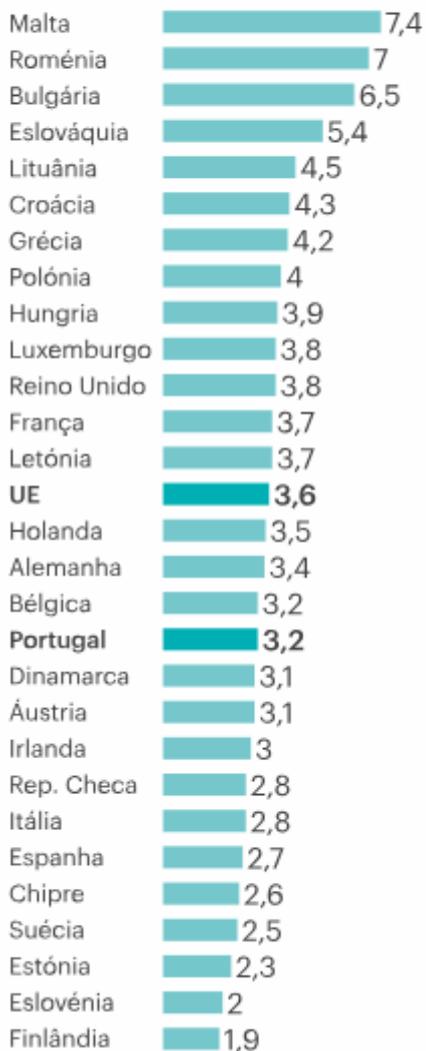
“Sabemos que o aumento da idade média da maternidade e o maior recurso a tratamentos de fertilidade podem ter algum impacto negativo na mortalidade infantil. Ainda assim, este aumento merece uma rápida análise” até “para evitar um clima de desconfiança dos utentes em relação ao sistema de saúde”, argumentou.

Pedindo cautela na comparação entre dois anos, Graça Freitas notou que 2017 foi um ano com uma taxa de mortalidade infantil “anormalmente baixa”. Sobre o aumento dos óbitos observado em 2018, considerou que “são variações normais dos pequenos números” que já ocorreram em anos anteriores e lembrou que foi em 2010 que se registou a mais baixa taxa de mortalidade infantil desde que há registos, 2,5.

Recordou igualmente que a taxa estabilizou, desde 2013, “nos 3 óbitos por mil nados-vivos”. E acentuou que em 2016 morreram 282 crianças no primeiro ano de vida, uma taxa de 3,24 por mil nados-vivos que permitiu a Portugal situar-se então “entre os melhores” da União Europeia.

Taxa de mortalidade infantil na União Europeia

Em % (2016)



Fonte: Direcção-Geral da Saúde

Hipertensão, obesidade, diabetes...

Respondendo ao apelo do bastonário, a directora-geral frisou que as causas de morte já estão apuradas e que isso se faz ao longo do ano “por rotina”. O primeiro grande grupo prende-se com as afecções maternas durante a gravidez e parto, como a hipertensão, obesidade, diabetes, entre outras.

O que também já se sabe é que, das 194 mortes até aos 28 dias, uma centena eram bebés prematuros de gestações com menos de 28 semanas, os chamados “grandes prematuros” que têm maior risco de mortalidade e de complicações. “O que temos que apurar agora são as causas das causas de morte das crianças, perceber o efeito que o progressivo envelhecimento das mães [as mulheres têm filhos cada vez mais tarde], e as patologias associadas, pode estar a ter.”

Na mesma linha, o presidente do colégio de Pediatria da Ordem dos Médicos, Jorge Amil Dias, defendeu em declarações à TSF que é necessário avaliar com rigor estes dados. “Estamos num patamar elevadíssimo de qualidade e, portanto, seria um pouco especulativo dizer que exactamente os mesmos cuidados há dois anos deram um resultado fantástico e agora esses cuidados é que seriam a culpa de números menos bons. Julgo que precisamos de serenamente estar atentos, obviamente que alertados para que estes números fazem tocar alarmes e tentar descobrir o que é que não terá corrido bem e, a partir daí, naturalmente, tomar medidas”, disse.

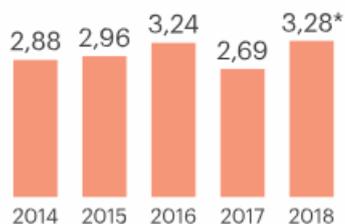
Ainda sem conhecer os números, o presidente do colégio de Ginecologia e Obstetrícia da OM, João Bernardes, nota que outros “dados importantes são as taxas de prematuridade, de recém-nascidos de baixo peso, de asfixia perinatal, de cesarianas e de lacerações perineais”. Mesmo assim, sustenta, qualquer subida de taxas de mortalidade ou morbilidade deve suscitar “atenção e análise”, até porque “o momento” que se vive no Serviço Nacional de Saúde “é de carência de recursos humanos e de equipamentos”.

Quando, em 2017, a taxa de mortalidade infantil baixou, esse facto não mereceu uma palavra, sequer, em qualquer órgão da comunicação social. Alguém saberá explicar porquê?

este artigo em que diz que a mortalidade infantil em Portugal esta na normalidade contradiz o outro artigo do publico em que diz que o presidente anuncia que houve uma grave subida da mortalidade infantil portanto ou a mortalidade de crianças é normal e contrediz informacoes que tem que ser apuradas ou a mortalidade de crianças nao é normal porque o presidente procura razoes dessa anormalidade.. e neste caso é necessario apurar as razoes anormais desta mortalidade de crianças portuguesas..

Evolução da taxa de mortalidade infantil nos últimos cinco anos

Número de óbitos no 1.º ano de vida por 1000 nados-vivos



*dados provisórios

Fonte: Direcção-Geral da Saúde

DGS, não. Não está dentro da normalidade portuguesa, algo está errado e muito errado. É preciso começar a apurar, se ainda não o fizeram mas já deveriam ter feito, acompanhar com muita responsabilidade as mulheres em gestação e este acompanhamento envolve tudo, mas mesmo tudo o que rodeia uma futura mãe. Por outro lado, como são acompanhadas as crianças após o parto? Como são acompanhadas essas mães? Como é acompanhada a família que está próxima da criança? Pois é, zero! Na maioria dos casos nenhuma das instituições e são várias, acompanham a maioria destas famílias. Independente de classes sociais, é preciso em todos os casos acompanhamento, mais ou menos prolongado, mais ou menos com a informação certa para um crescimento saudável da criança, físico, cognitivo, afetivo/social...

Alexandra Campos

In "Público"